

Episódios

“Os rapazes de zinco”

Por Nuno Santa Clara

Entre o aniversário da ADFA, o lançamento do livro dos DFA – Geração da Rotura, e as comemorações do 10 de Junho, no Porto, decorreu cerca de um mês em que os militares, a guerra e os deficientes estiveram na baila.

Pena é que se tornem necessárias efemérides e outros eventos para que os antigos combatentes, com as suas glórias e misérias, sejam recordados, embora com um desfiar de sentimentos e declarações cuja intensidade é inversamente proporcional à da sua duração. Ou seja, para a semana haverá outros motivos de interesse, como se tudo tivesse ficado resolvido e como se novas situações de risco estivessem afastadas, fruto do apregoado e falhado “Fim da História”. A História não acabou e ameaça mesmo repetir-se, com tanto maior facilidade quanto mais esforços se fazem para calar a voz incómoda das testemunhas privilegiadas que são os antigos combatentes.

As respostas às entrevistas feitas a anónimos assistentes durante a cerimónia do Porto foram espontâneas e elucidativas – e consequentemente politicamente incorretas. Ninguém verberou as Forças Armadas, e os ex-combatentes entrevistados referiram-se, sem exceção, à falta de reconhecimento pelos poderes públicos, e à afirmação de que as suas principais reivindicações eram de carácter social, e não monetário.

De um notável trabalho de recolha de testemunhos do período da implosão da União Soviética se encarregou Svetlana Alexievitch, recolha essa que deu origem ao livro “O fim do Homem Soviético”, que foi o prémio Nobel da Literatura de 2015; a atribuição deste galardão gerou alguma celeuma, já que não se tratava de uma obra literária clássica, mas de uma recolha de depoimentos de gente de todos os quadrantes da antiga URSS, em que a autora transcreveu e respeitou ao máximo as palavras dos inquiridos.

Svetlana Alexievitch já havia chocado os poderes constituídos com “Os rapazes de zinco”, feito através da recolha de depoimentos de veteranos da Guerra do Afeganistão e das suas famílias. Porquê este título? Porque os mortos, ou o que restava deles, eram

enviadas de volta à terra natal em caixões de madeira contendo uma urna de zinco (nome de código da logística: carga duzentos), que naturalmente não podiam ser abertos para as últimas homenagens.

O resultado dessa recolha foi um livro denso, genuíno, violento, com uma intensidade dramática não suavizada, e como tal impróprio para pessoas sensíveis ou para aquelas que procuram não tomar conhecimento de coisas desagradáveis, para não se incomodar, não tomar partido, nem ter de formular opiniões.

E, para os que vêem segundas intenções em tudo, lembremos a célebre frase de Lenine: “só a verdade é revolucionária”. Tanto assim que o principal jornal soviético se chamava “Pravda”, o que significa “Verdade”. O que pode variar é o conceito de verdade.

Svetlana Alexievitch começou a trabalhar no livro em 1989, no fim da guerra, ou seja, quando ainda sangravam as feridas. Foi publicado em revistas, e inspirou uma peça de teatro, provocando diversas reações.

A autora foi em 1993 alvo de um processo, levantado por alguns dos entrevistados, que renegaram os seus depoimentos.

Da intervenção de Svetlana Alexievitch em tribunal, transcrevem-se estas passagens:

“Entregar a uma mãe um caixão de zinco e depois convencê-la a processar a autora que escreveu como ela não pôde sequer beijar o filho pela última vez, e como lavava com ervas, como acariciava o caixão de zinco...”

“Primeiro, a guerra foi timidamente chamada erro político; depois, crime. Todos querem esquecer o Afeganistão. Esquecer essas mães, esquecer os mutilados... O esquecimento é também uma forma de mentira”.

Podemos encontrar vários paralelismos entre a guerra do Afeganistão, a nossa guerra, “Os rapazes de zinco” e a “Geração da Rotura”.

Primeiro, a intenção: o livro foi escrito para que a Terra não esquecesse. A Guerra do Afeganistão durou dez anos, de 1979 a 1989, menos que a nossa, mas com maior intensidade, e foi alvo de um apertado controlo de informação que condiciona o fazer da sua história.

Segundo, as consequências: 14.453

mil mortos em combate, 53.753 mil feridos, 415.932 doentes (o que mostra as condições do serviço) e 10.751 deficientes, para além das sequelas posteriores, deixaram marcas profundas na sociedade soviética, apesar dos esforços do regime em ocultar estes números (mortos, feridos, mutilados) e abafar as notícias da frente. Terceiro, a reação da sociedade: a população soviética era mantida na ignorância do que se passava na frente e a vida na retaguarda continuava como se nada se passasse. De um depoimento: “Em 1983 fui a Moscovo. A população vivia e comportava-se como se não estivessemos lá. E como se não houvesse guerra nenhuma”. Perguntava na rua às pessoas “Há quantos anos decorre a guerra no Afeganistão”, e as respostas eram “não sei”, “acho que dois anos”, “há mesmo uma guerra lá?”

Quarto, a motivação: os primeiros contingentes foram de tropas especiais e em relativo voluntariado, movidas pelas palavras de ordem do “dever internacionalista” e da “defesa da fronteira sul”, mas depois passaram a ser militares do contingente geral, muito novos (dezanove anos era a regra) e, uma vez no terreno, o importante passou a ser sobreviver e voltar para casa.

Quinto, o controlo da informação: segundo um depoimento, as instruções dos comissários políticos antes do regresso a casa eram sobre o que se podia falar, e do que não se podia falar. Não falar de mortos. Não falar sobre “relações não regulamentares” (a praxe, muito violenta). Rasgar fotografias. Não se disparou, não se bombardeou, não se envenenou, não se fez explodir. Tudo porque era um exército grande, forte, o melhor do mundo.

Sexto, a autenticidade: na recolha dos depoimentos, a autora transcreveu as declarações dos militares e famílias, abstendo-se de corrigir erros gramaticais ou eliminar palavras, tal como foi feito na “Geração da Rotura”.

Claro que há graduações, e enormes, entre os dois conflitos. Basta lembrar que, mal ou bem, as nossas áreas de operações ficavam em território considerado nacional; que nem a Censura/Exame Prévio, nem a PIDE/DGS eram tão eficazes como o KGB; que

não havia censura de correio (exceto de figuras referenciadas); e que a possibilidade de acesso à informação através do exterior era muito maior.

Igualmente se pode fazer um paralelismo com a Guerra do Vietname; mas essa podia ser seguida quase em direto na televisão, e o debate público era aberto. Mas sempre se pode comparar a justificação de uma intervenção externa pelo “dever internacionalista” com a da intervenção pela “defesa dos nossos interesses”.

Não resisto a transcrever alguns depoimentos, de modo a que os leitores façam o seu próprio juízo.

De um combatente: “Recebi alta, deram-me um subsídio de trezentos rublos... Depois, vives como quiseses. A pensão são uns trocos. Passas a ser sustentado pelos pais. O meu pai está na guerra sem que haja guerra nenhuma. Encaneceu, tornou-se hipertenso...”

De uma mãe: “Ele matou uma pessoa... O meu filho... Com um pequeno machado de cozinha... Regressou da guerra e matou aqui... Telefona-me uma amiga: Leste? Um homicídio profissional... À maneira afegã...”

De outro combatente: “Daqui a dez anos, quando vieram à baila as nossas hepatites, as concussões, as malárias, vão tentar desfazer-se de nós. No emprego, em casa... Vão deixar de nos sentar à mesa da presidência... sere-mos um fardo para todos...”

De uma enfermeira: “Não era capaz de ver ninguém, a não ser quem tinha lá estado. Podia passar o dia e a noite com eles. As conversas das outras pessoas pareciam-me fúteis, absurdas”.

De outra mãe: “Faltava-lhe um mês para terminar o serviço militar. Comprei-lhe camisas, cachecol, sapatos... Podia ter-lhos vestido para o enterro... Eu própria o teria vestido, mas não deixaram abrir o caixão. Ver o meu filhinho, tocar-lhe... Terão encontrado farda para a sua altura? O que levará lá dentro?”

Ninguém melhor que um combatente compreende outro combatente, e Svetlana Alexievitch também o compreendeu: limitou-se a registar os depoimentos, sem procurara interpretá-los, e arriscou-se a publicá-los, sabe-se lá com que riscos.

Para todos nós, este devia ser um livro de leitura obrigatória.



EM CASA

...mantenha as quotas em dia!